

ALMIRANTE BRAZ DIAS DE AGUIAR – GIGANTE DA NACIONALIDADE!

PAULO CEZAR DE AGUIAR **ADRIÃO**
Contra-Almirante (Ref¹)

Ao longo de muitos anos de serviços árduos – 1910 a 1947 – o Almirante Braz de Aguiar identificou os limites do Brasil com Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana Inglesa (Guiana), Guiana Holandesa (Suriname) e Guiana Francesa, totalizando cerca de 10.385 quilômetros demarcados. Foi o árbitro designado para solucionar as divergências entre o Peru e o Equador surgidas no decorrer da execução do Protocolo de Limites, assinado no Rio de Janeiro, em 29 de janeiro de 1942. Bem merece Braz de Aguiar os títulos de “Bandeirante das Fronteiras Longínquas¹” e “Cidadão da América”.

O Almirante Braz Dias de Aguiar nasceu no Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1881, e faleceu no dia 17 de dezembro de 1947.

Seus pais foram o Capitão-Tenente Joaquim Dias de Aguiar e D. Amélia Siqueira Dias de Aguiar. Teve dois irmãos: o Guarda-Marinha Álvaro Dias de Aguiar, falecido no naufrágio do Cruzador *Aquidabã*, em 1906; e Mário Dias de Aguiar. Casou-se com Esther Neiva Dias de Aguiar, com quem teve três filhas: Maria Amélia Neiva de Aguiar Nelson, Maria Magdalena Neiva de Aguiar Adrião e Maria Luiza de Aguiar Neiva. Teve quatro netos: Maria Helena de Aguiar Neiva, Ronaldo de Aguiar Neiva (médico), Paulo Cezar de Aguiar Adrião (almirante) e Roberto de Aguiar Neiva.

Entrou para a Escola Naval como aspirante a guarda-marinha, em 7 de abril de 1899. Foi declarado guarda-marinha aluno

1 N.R.: Matéria publicada na *RMB* do 3º trimestre de 2001, p. 39, com o título *Bandeirante das Fronteiras Remotas*, de autoria do Almirante Roberto Gama e Silva.

em 13 de janeiro de 1902 e guarda-marinha confirmado (segundo-tenente) em 9 de janeiro de 1903. Embarcado no Navio-Escola *Benjamin Constant*, participou da viagem de instrução de guardas-marinha realizada de 17 de agosto de 1903 a 24 de março de 1904, quando foram visitados os portos de Nova York, Plymouth, Cherbourg, Ferrol, Lisboa e Las Palmas. Nessa viagem, segundo testemunho do Capitão de Mar e Guerra Didio Iratym Affonso da Costa, “Braz de Aguiar era um dos que mais praticavam a contemplação dos astros e a observação instrumental correspondente, entremostrando o seu destino de astrônomo e demarcador de fronteiras”.

Em outubro de 1904, a bordo do Encouraçado *Deodoro*, viajou para Montevidéu e Buenos Aires a fim de assistir à posse do Presidente Manoel Quintana.

Entre 1904 e 1906, permaneceu embarcado em navios da Esquadra, entre eles os encouraçados *Deodoro* e *Floriano*, até que, em 1907, foi designado para servir no *Comandante Freitas*, subordinado à Repartição da Carta Marítima, onde ganhou destaque pelos serviços de levantamento hidrográfico que executou.

Ainda como reforço à sua futura vocação amazônica, os últimos trabalhos de Braz de Aguiar como oficial do *Comandante Freitas* foram executados na Amazônia brasileira. Além dos levantamentos executados na calha do Amazonas, até a altura de Manaus, o nosso herói foi destacado para selecionar os sítios, definidos por coordenadas precisas, para instalação dos faróis

projetados para o Cabo Orange, ponto mais setentrional do litoral brasileiro, e do Cabo Norte, também no litoral do Amapá.

Nessa mesma comissão, embarcado no Aviso *Jutaí*, em lanchas ou canoas, instalou estações termopluviométricas em diversos pontos, depois de determinadas as respectivas coordenadas geográficas, todos eles localizados no interior da região, tais como: Manaus, Boa Vista, São Gabriel da Cachoeira, Benjamin Constant, Fonte Boa, Coari, Canutama, Manicoré e Parintins.

Regressando ao Rio, embarcou no *Tiradentes* em 29 de junho de 1909, quando integrou a comissão que empreenderia campanha hidrográfica no litoral sul, desde Iguape até o Chuí, incluindo as lagoas Mirim e dos Patos. Vale destacar que coube a Braz de Aguiar, nessas comissões, escolher e determinar as coordenadas dos locais onde seriam estabelecidos os faróis do Oiapoque e do Chuí, os extremos norte e sul do nosso litoral.

Em 1910, já primeiro-tenente antigo, foi chamado pelo Almirante José Cândido Guillobel, chefe da Comissão Brasileira de Limites com a Bolívia, para integrar a sua equipe de trabalho, inicialmente como comissário-demarcador, mais tarde como sub-chefe, situações nas quais participou diretamente das operações de demarcação das nossas fronteiras com a Bolívia.

A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial interrompeu por uns anos as atividades de Braz de Aguiar nas nossas fronteiras mais longínquas, eis que o capitão-tenente de então solicitou dispensa da fun-



ção que ocupava para cumprir o dever cívico-militar de defender a Pátria, embarcado nos navios da Esquadra. Permaneceu na Esquadra até o final do conflito, sendo sua última comissão no período a de comandante da Torpedeira *Goiás*.

Em março de 1920, foi novamente convocado para trabalhar nas fronteiras setentrionais, desta vez pelo Almirante Antônio Alves Ferreira da Silva, chefe da Comissão Demarcadora dos Limites com o Peru. Daí por diante, nunca mais se afastou das fronteiras amazônicas, senão pouco antes de falecer.

Manteve-se na Comissão de Limites Brasil-Peru, determinando coordenadas astronômicas e plantando marcos de fronteira, até o dia 6 de agosto de 1929, quando, por decreto presidencial, foi nomeado chefe da Comissão de Limites do Setor Norte, com a incumbência de executar os serviços de fronteiras com a Venezuela e as três Guianas.

Em 1928, ao completar 30 anos de serviço na Marinha, sem contar o “tempo de campanha”, foi transferido para a reserva, a pedido, por considerar que “não lhe ficava bem continuar a usufruir das vantagens de oficial da ativa, sem prestar serviços à Marinha”. Que exemplo edificante para um país em que altas autoridades, ainda hoje, acumulam proventos de duas ou mais origens, usufruindo também de todo o conforto que o mundo moderno oferece!

Passou para a reserva no posto de capitão de mar e guerra graduado, mas continuou à frente da Comissão de Limites do Setor Norte até que, por outro decreto presidencial, agora com as assinaturas do Presidente Getúlio Vargas e do Chanceler Osvaldo Aranha, teve a sua nomeação retificada para chefe da Comissão Demarcadora de Limites – Primeira Divisão, com os mesmos encargos anteriores.

Em 1930 foi constituída a Comissão Mista de Demarcação dos limites entre o Brasil e a Colômbia, ainda sob a direção de Braz de Aguiar, e, em 1937, concluída a demar-

cação de toda a fronteira com o estabelecimento de 29 marcos.

Não cabem, num resumo, todos os feitos de Braz de Aguiar no decorrer da sua prolongada atuação nas fronteiras mais remotas do território nacional.

Há que se lembrar, todavia, das enormes dificuldades para se chegar a tais lugares naquela época. Em 1939, por exemplo, só se atingia Manaus, a partir do Rio de Janeiro, a bordo dos navios do Lloyd Brasileiro (a antiga Costeira só chegava até Belém), consumindo-se perto de 20 dias de viagem, pois havia escalas no caminho. A partir de 1942, surgiram as primeiras linhas comerciais de aviação para a região, que abreviaram para três dias a duração do percurso Rio-Manaus, com a perna final, entre Belém e Manaus, sendo feita em hidroaviões, os famosos *baby-clippers* da Pan American.

De Manaus para as regiões fronteiriças, completamente desguarnecidas à época, só mesmo embarcando nos gaiolas da Amazon River Steamship Company, que consumiam uma eternidade para chegar aos pontos extremos da navegação fluvial permanente, e, daí por diante, “motores de linha” (lanchas que faziam viagens regulares) ou canoas. Comunicações telegráficas só nas duas capitais principais, Belém e Manaus, pois o serviço era executado por uma empresa estrangeira, a Western Telegraph and Telephone Company.

Pois bem, mesmo diante de todas essas dificuldades, Braz de Aguiar empenhou-se, entre 1930 e 1934, nos trabalhos de demarcação da fronteira com a Venezuela, iniciando na região de Cucuí, prosseguindo até o canal de Maturacá e Serra da Neblina e, em seguida, pulando para a Serra de Pacaraima, do Monte Roraima para o sul. Os trabalhos foram suspensos em 1934, a pedido do governo venezuelano, para serem retomados apenas em 1938, ainda sob o comando de Braz de Aguiar, do lado brasileiro.

Ainda em 1930, foi iniciada a demarcação dos limites com a Guiana Inglesa, hoje República da Guiana, trabalho que se prolongou até 1938, com a definição completa de 1.605,8 quilômetros de limites.

Em 1935 chegou a vez de demarcar a fronteira com a Guiana Holandesa, hoje Suriname, cuja extensão total, 593,04 quilômetros, foi totalmente concluída no instante da fixação do marco da Trijunção, localizado entre as nascentes dos rios Jari e Mapoani. A partir daí, procedeu Braz de Aguiar à definição da fronteira com a Guiana Francesa, cuja extensão total, de 655 quilômetros, foi devidamente demarcada.

Além desses serviços de pura delimitação de fronteiras (sua tarefa básica), o espírito pioneiro e a competência profissional que integravam o hidrógrafo, o astrônomo, o geógrafo, o topógrafo e até o naturalista ainda o impeliram a colaborar de forma decisiva para o conhecimento da geografia regional, numa época em que os próprios brasileiros só pensavam na Amazônia como “uma imensa planície recoberta por uma floresta infinita!”

Deixou, nesse sentido amplo, diversos trabalhos publicados, que muito contribuíram para desvendar os segredos da Amazônia, dentre os quais devem ser destacados:

- o levantamento completo da bacia do Rio Branco, compreendendo todos os principais afluentes, como o Uraricoera, o Tacutu e o Mucajaí, bem como vários tributários secundários, como os rios Surumu e Mau (afluentes do Tacutu), Cotingo e Uailan (afluentes do Mau), e mais o Amajari, afluente do Uraricoera;

- o levantamento completo da bacia do Rio Trombetas, incluindo os perfis dos seus

dois afluentes mais importantes, o Mapuera e o Erepecuru, este último também conhecido, até hoje, como Cuminá ou Paru do Oeste;

- o levantamento completo da bacia do Rio Jari, compreendendo os afluentes Ipitinga, Mapari, Culari, Curapi e Cuc; e

- o mapeamento de diversos rios da bacia do Rio Negro, com nascentes localizadas nas serras da Neblina, do Imeri, Taperecô, Gurupira e Urucuzeiro, serviço executado no afã de identificar com precisão os divisores de águas que delimitariam as fronteiras entre o Brasil e a Venezuela.

Todas as campanhas de Braz de Aguiar foram registradas em detalhados relatórios despachados para o Ministério das Re-

lações Exteriores, órgão ao qual a Comissão Demarcadora era subordinada.

Além desses relatórios específicos, Braz de Aguiar ainda publicou trabalhos detalhados sobre determinadas áreas, que muito contribuíram para o conhecimento da Amazônia.

Um desses trabalhos, denominado *O Vale do Rio Negro*, classificado pelo chefe da Comissão Demarcadora de Limites – Primeira Divisão como um subsídio para “a geografia física e humana da Amazônia”, foi encaminhado ao Ministério das Relações Exteriores no mês de janeiro de 1944.

No tocante às tribos indígenas do Vale do Rio Negro, incluindo as do tributário Rio Branco, afirma o trabalho que “são todas pertencentes às famílias Aruaque e Caribe, sem aludir à existência de alguns povos cujas línguas se diferenciam profundamente das faladas pelas duas coletividades citadas”. Prossegue o autor: “Tais povos formam as chamadas tribos independentes, que devem ser consideradas como restos de antigas populações cuja

**Foi, sem sombra de dúvida,
um dos brasileiros que
mais contribuíram para a
soberania brasileira e a
integridade territorial da
nossa Amazônia**

liberdade foi grandemente prejudicada pela ação opressora de vizinhos poderosos”. Também os índios Tucanos constituem uma família à parte, complementa o trabalho.

A obra cita os nomes e as localizações das tribos Aruaques no Vale do Rio Negro (13 tribos) e das tribos Caribes (sete). Para completar o quadro, a obra elaborada por Braz de Aguiar ainda faz menção especial ao grupo Tucano, composto de 15 famílias, divididas em três ramos: o oriental, que abrange as bacias dos rios Uaupés e Curicuriari; a ocidental, ocupando as bacias do Napo, Putumaio e Alto Caquetá; e o setentrional, localizado nas nascentes do Rio Mamacaua. Completando a listagem dos povos da bacia do Rio Negro, a obra ainda faz menção a uma publicação de 1926, composta pelas Missões Indígenas Salesianas do Amazonas, que descreve todas as tribos da bacia do Rio Negro.

No decorrer desses trabalhos de suma importância, Braz de Aguiar acabou por localizar as nascentes do Rio Orinoco, do outro lado da fronteira, e determinar o ponto extremo do setentrião brasileiro, que se julgava posicionado no Monte Roraima, mas que ficou provado situar-se nas nascentes do Rio Uailan, na Serra do Caburá, “que fica 32’ mais a leste e 4’ mais ao norte” da posição anteriormente considerada, na latitude de 05° 16’20” N e longitude de 060° 12’43” W, numa elevação situada a 1.456 metros acima do nível do mar.

A seriedade e a serenidade, além da competência, é claro, de Braz de Aguiar tornaram-no famoso nos países vizinhos, a pon-

to de ter sido ele indicado como árbitro, pelos governos do Peru e do Equador, para solucionar as divergências entre os dois países, surgidas no decorrer da execução do Protocolo de Limites, assinado no Rio de Janeiro, em 29 de janeiro de 1942. Entre 21 de junho de 1943 e 18 de março de 1945, ei-lo percorrendo toda a zona disputada, para fundamentar o acordo que logrou firmar entre as duas partes sobre a zona ocidental da fronteira e para emitir o seu parecer final sobre o setor oriental, onde persistia a pendência.

A morte o surpreendeu, a 17 de dezembro de 1947, ainda no cargo de chefe da Comissão Demarcadora de Limites – Primeira Divisão, quando trabalhava na fixação definitiva dos limites com a Venezuela.

Foram 46 anos corridos de serviços relevantes prestados ao País, sendo que desse total, 30 anos dedicados de corpo e alma à Amazônia, que ele demarcou por inteiro.

Foi, sem sombra de dúvida, um dos brasileiros que mais contribuíram para a soberania brasileira e a inte-

gridade territorial da nossa Amazônia.

Se, nos dias atuais, o Brasil já solucionou todas as pendências que recaíam sobre os 10.948 quilômetros de faixa de fronteira terrestre que separa a nossa maior região natural, objeto constante da cobiça internacional, dos países vizinhos, quase tudo se deve ao trabalho inteligente e incansável do “Bandeirante das Fronteiras Longínquas”, pois de suas observações e dos seus cálculos resultaram mais de 500 pontos astronômicos que definem, juntamente com acidentes naturais, essa imensa divisória.

De suas observações e dos seus cálculos resultaram mais de 500 pontos astronômicos que definem, juntamente com acidentes naturais, 10.385 quilômetros de faixa de fronteira

Braz Dias de Aguiar, promovido *post-mortem* ao posto de contra-almirante em 23 de julho de 1951, em reconhecimento pelos serviços prestados à Pátria, bem merece também ser incluído entre os “Gigantes da Nacionalidade”.

O brilhante historiador Jaime Cortesão já o via como tal, quando afirmou

que Braz de Aguiar “não é daqueles cujo nome se afoga no túmulo, com os despojos mortais”.

Referindo-se a Braz de Aguiar, Osvaldo Aranha declarou: “...ele é um dos maiores brasileiros vivos...”.

Foi um “Cidadão da América”, que honrou o nome do Brasil.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ATIVIDADES MARINHEIRAS>; Cartografia; Hidrografia; Trabalhos geográficos; Relações internacionais;

HOMENAGENS

- Avenida Braz de Aguiar, em Belém, Pará;
- Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar (Ciaba), da Marinha do Brasil – em Belém, Pará;
- Escola Comandante Braz de Aguiar, em Cruzeiro do Sul, Acre; e
- Pico Braz de Aguiar – na fronteira Brasil-Venezuela.

FONTES

- 1 – Caderneta de Registro Histórico de Braz Dias de Aguiar – Marinha do Brasil.
- 2 – *O Bandeirante das Fronteiras Remotas*, pelo Almirante Roberto Gama e Silva.
- 3 – “O Cidadão da América”, em *Páginas Esparsas* – 1948 – Thoribio Lopes, capitão-tenente, membro do Instituto Histórico do Pará, da Academia Paraense de Letras e da Federação das Academias de Letras do Brasil.
- 4 – *Vultos da Geografia do Brasil*, Virgílio Correia Filho.
- 5 – Sociedade Brasileira de Geografia – Sessão solene de 8/10/1948 no Palácio do Itamaraty, em homenagem ao Capitão de Mar e Guerra Braz Dias de Aguiar. Oração proferida pelo Capitão de Mar e Guerra Didio I. A. da Costa.